Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

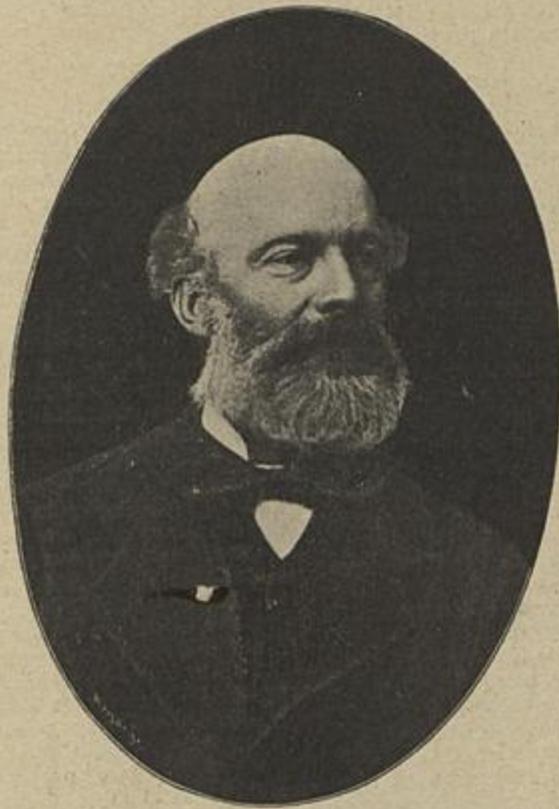
25.º Anno — XXV Volume — N.º 846

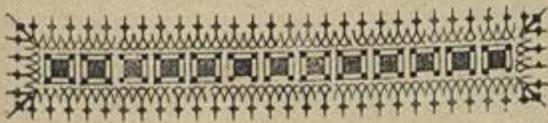
30 DE JUNHO DE 1902

Redacção – Atelier de gravura – Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

DR. JOAQUIM AUGUSTO SIMÕES DE CARVALHO

Fallecido em 14 do corrente

CHRONICA OCCIDENTAL

No que mais se falou em todo o mundo n'estes ultimos dias foi, creio eu, nos festejos que se preparavam em Londres para a coroação do rei Eduardo VII.

Cortejo, banquetes, recepções, illuminações, bodo aos pobres, grandes solemnidades nas egrejas, a pompa do programma, o dinheiro já gasto, o muito que ainda havia de gastar-se, tudo era falado, commentado com muitas interjeições, descripto com todos os pontos de exclamação que havia nas caixas dos typographos.

Como para uma peça de grande espectaculo faziam-se ensaios de apuro, para certos numeros do programma até já se havia feito ensaio geral, não fosse alguma distracção produzir máo effeito no deslumbramento da grande solemnidade.

Principes, altos dignitarios da egreja anglicana, pares e lords, todos sabiam seu papel. A grande multidão esperava anciosa o primeiro dia em que com toda a pompa os reis de Inglaterra, imperadores da India, se lhe haviam de mostrar em toda a sua grandesa.

Começavam a correr boatos insistentes de que Eduardo VII adoecêra gravissimamente; mais tarde confirmavam-se as tristes atoardas; appareceu o primeiro boletim dos medicos; o rei soffrêra uma perigosa operação; todas as grandes cerimonias que já tanto dinheiro haviam posto em circulação estavam addiadas, sem que pudesse desde já para sua realisação fixar-se dia.

Sobre a gravidade da doença são muito discordantes as opiniões. Julgam alguns que, visto a forma por que a operação correu, deve o doente considerar-se salvo; mas summidades medicas continuam affirmando ser de temer um breve desenlace fatal, não achando que o rei Eduardo esteja em condições de soffrer uma nova operação indispensavel.

Causou a noticia dolorosa impressão, porque o novo rei desde ha muito era estimadissimo em toda a côrte de Inglaterra, pela simplicidade com que se apresentava em publico e lhaneza com que a todos tratava. Durante o longo reinado de sua mãe, a Rainha Victoria, o Principe de Galles, pouco se preoccupando com os negocios do estado, levou uma vida facil e sem cuidados, viajando muito, criando a seu respeito um sem numero de anecdotas.

Diz-se que sua vontade concorreu muito para o termo da guerra anglo-boer e que muitas vezes manifestara o desejo de não ser coroado sem que a paz estivesse assignada.

Conseguiu-o finalmente e o jubilo seria maior em toda a Inglaterra, no dia da sua coroação, sem a tristeza d'aquella nuvem temerosa que a continuação da lucta na Africa do Sul sustinha suspensa no céo das Ilhas Britannicas.

Muitos dos novos subditos contavam juntar-se aos velhos inglezes n'esta occasião, sem que nós portuguezes, mais ardentes em nossos sentimentos, possamos comprehender a facilidade de certas submissões tão repentinas.

Supponho que não foi sem espanto que os leitores do Seculo leram, ha dias, o telegramma seguinte: — «Thomar, 25. — T. — Em consequencia do addiamento da festa da colonia ingleza nos jardins Foz, o general Pienaar e os mais officiaes boers já não seguem para ahi, como tencionavam, para tomar parte n'aquelles festejos.»

Só faltava á gloria do novo rei que seus novos subditos, ainda hontem em armas contra as armas inglezas, quizessem de motu proprio ou por que a isso os obrigassem as circumstancias, vir dar maior esplendor á festa para que em Londres se haviam reunido tantos principes estrangeiros.

Entre esses lá estava o Sr. D. Luiz, Principe real de Portugal, que, pouco depois de haver desembarcado em terra ingleza, recebia ordem de regresso, visto o addiamento da coroação por tempo indeterminado.

Consta que foi muito affectuosamente recebido na côrte ingleza, d'onde muitos querem argumentar a favor da grande sympathia que, dizem, Eduardo VII tem pelo nosso paiz.

Continua a chuva dos telegrammas a cada hora, ora cheios de esperança, ora desanimadores, uns contando os differentes pormenores da doença, e sua marcha, e os boletins dos medicos, outros dizendo a ruina de muitos que tinham feito as maiores despezas calculando grandes juros, e a tristeza que vai em Londres e o desespero dos negociantes.

Pelas ruas por onde o cortejo havia de passar armavam-se palanques, as janellas eram alugadas por quantias fabulosas. Já alguns haviam pago, outros promettido pagar, e d'ahi uma infinidade de questões.

A grande quantidade de viveres comprados pelo paço foi mandada distribuir pelos hospitaes. Lucraram ao menos os doentes.

E o rei de Inglaterra, já tão falado em todo o mundo, foi pela sua doença o grande assumpto d'estes dias, desde a China até á Suecia, desde o Peru até ao Japão.

Nem a folia dos dias santos distrahiu as attenções. Santo Antonio, S. João e S. Pedro deslisaram sem que dessem muito que falar de si. Santo Antonio foi dia de inverno; S. João portou-se como lh'o mandava a folhinha, mas deixou que as nuvens voltassem a ameaçar nos com mais aguaceiros; S. Pedro apresentou-se com toda a escolta propria do dia em que o porteiro do céo é festejado na terra.

Ainda ha meia duzia de dias nos queixavamos de frio, já todos nos queixamos de calor. Somos tal qual, n'estas coisas, os lavradores que nunca estão contentes, porque chove, porque está bom tempo, porque o vento é suão ou porque soprou do norte.

Mas nem o vento sabia d'onde soprava n'estes ultimos dias de junho, e os balões andavam pelo ar a descrever circumferencias.

Foi um mez cheio de anachronismos, e tantos foram que até pelo S. João nos deram o maior de todos: termos ainda de falar em theatro.

Sousa Bastos assignou com o Marquez da Foz a escriptura de arrendamento do palacio da Avenida, em cujos jardins vai construir um theatro, que será dos melhores de Lisboa, ficando as riquissimas salas e galerias como dependencias da faustuosa casa de espectaculos. Já appareceram os annuncios para emissão de obrigações e, segundo se diz, é já grande o capital subscripto, visto as enormes vantagens offerecidas.

Não cremos que haja conveniencia para a arte nem para os que d'ella vivem n'este augmento de numero das casas de espectaculos em Lisboa, porque a lucta das emprezas deixa muita vez em precarias circumstancias até os proprios vencedores. Apesar da protecção crescente que o publico vai dando ao theatro, sendo cada vez maior o numero dos seus frequentadores, as salas já são de mais e só chamam a concorrencia por processos quasi sempre dispendiosos e muita vez pouco artisticos.

Mas isto não quer dizer que não seja para applauso a iniciativa de Sousa Bastos. O seu theatro será digno d'uma grande capital e outros haverão de padecer, que menos mereçam concorrencia.

Da companhia que Taveira levou para o Brazil já houve noticias por cartas de Dakar e telegrammas do Rio de Janeiro. A viagem fci magnifica, Angela Pinto cantou a bordo cançonetas acompanhada ao piano por Vianna da Motta e agradou muitissimo na sua estreia no Rio de Janeiro, onde representou a *Sapho*.

Em Lisboa fala-se n'uma companhia formada com elementos de diversos theatros e que irá explorar o theatro D. Amelia. Meia dusia de artistas de boa vontade a quem o verão não mette medo e que precisam cuidar da vida.

Lisboa vai-se despovoando; mas os que ficam, se lhe derem peças que os interessem, lá irão enchendo os theatros. Vejam o que succedeu, ainda não ha muito, com a companhia do Taveira, quando, pela primeira vez, no pino do verão, deu no theatro da Avenida o *Ali á preta* de Guedes de Oliveira.

A provincia é que tem agora a regalia de chamar a attenção da sociedade elegante: enchem-se os hoteis nas Caldas, em Vizella, no Gerez, em Vidago, nas Pedras Salgadas, em Entre-Rios.

Volta novamente a falar-se em jogo.

A ultima circular do ministro do reino aos governadores civis prova-nos a tenção em que o sr. Hintze Ribeiro continua de manter as ordens que deu ha dois annos.

Queixam-se sobretudo os negociantes de Cascaes do grande prejuizo que lhes causa a prohibição do jogo, quando, segundo affirmam, nas praias mais ao norte do paiz, houve, ainda o anno passado, uma condemnavel tolerancia por parte da auctoridade.

Mas quantas mais queixas não harveria se o jogo fosse novamente permittido! É que então os infelizes não vêm para os jornaes. Ha-os até que nem chegam a Lisboa. A meio caminho deitam-se do comboio que os cala para sempre. Parece que isso aconteceu algumas vezes.

João da Camara.

Dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho

Era dos mais antigos e dos mais considerados lentes da universidade o dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho fallecido no dia 14 do corrente.

Filho de Joaquim Simões de Carvalho antigo pharmaceutico da rua do Coruche (hoje do Visconde da Luz, onde ainda existe a sua pharmacia) nasceu em Coimbra a 17 de julho 1822.

Aos vinte annos recebia os graus de licenciado e de doutor, na Universidade de Coimbra e em 1843 concorreu á vaga de lente da sua faculdade sendo classificado em primeiro logar, quando apenas contava 21 annos de edade.

Em 1849 foi nomeado lente oppositor da faculdade de philosophia, depois de satisfazer as provas exigidas pelo decreto de 1 de dezembro de 1845.

No intervallo de 1843 a 1849 frequentou a faculdade de medicina, sendo classificado em todos os annos. Não quiz, porém exercer a clinica.

Dotado de grande intelligencia e vastos conhecimentos scientificos, como se vê pelos seus brilhantes cursos, tinha alem d'isso grande amôr pelas letras, que sempre cultivou com rara distincção, e possuia dotes oratorios de primeira ordem, com que encantava até ao enthusiasmo as assembléas que o escutavam.

O seu primeiro livro, publicado em 1851, *Lições de Philosophia Chimica*, foi brilhantemente acolhido pela critica dos mais abalisados homens de letras, como Latino Coelho, Thomaz de Carvalho e outros. A este livro seguiram-se outras obras taes como:

Relatorio do fiscal da faculdade de philosophia ácerca da reforma que a mesma faculdade fez subir á presença de Sua Magestade, até 1851.

Conferencia agricola feita em Lisboa a 11 de Abril de 1867, por convite da Real Associação de Agricultura Portugueza.

Zoologia — Os peixes electricos.

Chimica — Interessantes applicações do silicato de potassa.

Industria do papel.

Geologia — A turfa.

Zoologia popular — Metamorphose dos insectos.

Zoologia popular — As aves.

Zoologia popular — Animaes domesticos

Innundações — Meios de as tornar menos desastrosas.

A viação publica.

Elogio da agricultura.

Memoria historica da faculdade de philosophia.

D'esta ultima obra foi o dr. Simões de Carvalho incombido de a escrever pelo conselho da faculdade, para commemorar o centenario da Universidade de Coimbra. José Silvestre Ribeiro cita-a com elogio na sua *Historia dos Estabelecimentos Scientificos*.

No jornalismo collaborou o dr. Simões de Carvalho largamente, deixando artigos de valia no *Observador*, *Conimbricense*, *Instituto*, *Revista Academica*, *Jornal de Horticultura Pratica*, etc. Deixou boa memoria a sua conferencia na Real Associação Central de Agricultura Portugueza, em abril de 1867.

Apesar dos tempos em que viveu, tempos agitados pelos partidos, o dr. Simões de Carvalho nunca se deixou arrastar pela politica partidaria a ponto de esquecer o que devia á sua dignidade e á patria. Foi antes um patriota amante do seu paiz, e nunca acceitou nada dos partidos, declinando até a candidatura ao parlamento que por vezes lhe offereceram.

Honrou sobremaneira a sciencia e as letras, que sempre professou e assim, em 1879 foi promovido a lente de prima.

Era socio honorario de varias sociedades scientificas e litterarias e n'isso constituiu seus brazões nobliarchicos.

Melhor fallou do illustre extincto, no seguinte discurso, que á beira da sua sepultura pronunciou, o sr. dr. conselheiro Bernardino Machado. Nas suas sentidas palavras se define bem o homem e o sabio cuja perda lamentamos

Meus senhores! — Venho aqui, coberto de lucto pela morte d'um dos nossos eminentes homens de sciencia, que foi ao mesmo tempo um dos mais egregios vultos da nossa Universidade, o dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho.

Grande orador e grande escriptor, o seu ensino, que fez a instrucção e o encanto de successivas gerações durante trinta annos ininterruptos, revestia, com as fórmas mais agradaveis, o tom solemne d'uma verdadeira magistratura social. Com elle, aprendia-se mais do que simplesmente a sciencia; aprendia-se a amál-a como um dever, como um bem, e a venerar como sacerdotes os seus mestres. A sua palavra vibrante, commovida, tinha o maravilhoso condão de elevar todos os assumptos á dignidade moral; e, em todas as questões que elle agitasse, sentia-se pulsar fundo no seu coração o interesse humano. Exemplar acabado do professor, foi sempre o humanista, o educador, conscio de que sobre elle impendia com todas as suas graves responsabilidades o sagrado encargo do governo das almas juvenis.

Tudo na sua magestosa figura, até o seu ar antigo, que tão bem se ajustava com a grandeza heraldica das tradicionaes pompas academicas, contribuia para firmar no animo dos seus discipulos a sua auctoridade paternal. Bastava a sua só presença para infundir á sala da aula um aspecto imponente, quasi religioso; e eu, que tive a honra de ser seu alumno, ainda agora o estou vendo na cathedra, envolto nas severas dobras da capa doutoral, a alvura das mãos e do rosto destacando sobre o fundo negro da batina, com a corôa dos seus raros cabellos cingida, como num nimbo, pelos reflexos brilhantes da sua vasta fronte, nervosamente tenso o corpo todo, quasi sem gesticular, mas extraordinariamente moveis os olhos e a bocca, fallando-nos numa melopêa e com uma uncção tão penetrante que a sua lição assumia para nós todo o prestigio d'um apostolado.

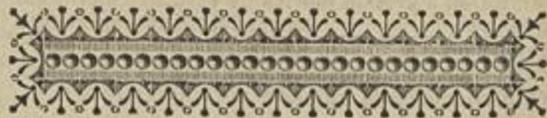
O seu zelo pelo magisterio confundia-se com o seu acrysolado culto pela patria. Serviu-o nobremente pela eloquencia das suas prelecções, pelos seus claros escriptos, entre os quaes serão sempre apregoadas como um primor as suas *Lições de Philosophia Chimica*, e pela devoção com que em todas as occasiões, celebrou os nossos fastos docentes, assignaladamente no centenario da reforma pombalina da Universidade, a que, com inexcedivel solicitude filial, poude consagrar um digno padrão de reconhecimento nas palpitantes paginas da sua substanciosa *Memoria Historica da Faculdade de Philosophia*.

E, com o peito assim constellado de serviços, quando attingiu felizmente o termo da sua benemerita carreira, quem dos poderes publicos ou das corporações officiaes acorreu a entregar-lhe, em festiva homenagem, algum dos laureis por elle galhardamente conquistados em tão porfiosas lides escholares?

Quantas vezes, desde então, se ouviu sequer pronunciar o seu nome illustre?

Ai! como em Portugal morrem depressa os melhores servidores da nação!

Coimbra, 15 de junho de 1902.

Bernardino Machado.

AS NOSSAS GRAVURAS

MONUMENTO A SOUSA MARTINS

Ha pouco mais de dois annos foi inaugurado no Campo dos Martyres da Patria e em frente da nova Escola Medica, ainda em construcção, um monumento á Sousa Martins, promovido por uma commissão de amigos do illustre medico e professor.

Esse monumento, porem, foi tão infeliz na concepção como na execução, e o publico em geral condemnou a obra d'arte, que por fim cahiu no ridiculo.

Este facto moveu os amigos de Souza Martins a melhor honrarem a sua memoria, procurando erigir-lhe nova estatua condigna, e demolirem o monumento condemnado.

Para isso uma commissão, de que faz parte o sr. Casimiro José de Lima que mais se tem esforçado pelo bom andamento dos trabalhos, convidou o esculptor sr. Costa Motta a fazer o projecto de um novo monumento, que, segundo parece, não deveria ser inferior em dimensões ao que foi condemnado.

Dizemos assim, porque nos parece que uma estatua sobre um plinto simples, como por exemplo, a estatua de Brotero no Jardim Botanico da Universidade de Coimbra, feita pelo fallecido esculptor Soares dos Reis, seria muito mais apropriada ao fim, no caso sujeito, o que certamente estaria no espirito do sr. Costa Motta, se não tivesse de contemporisar com a commissão possuida da ideia de um monumento com alegorias.

N'este sentido, pois, fez o sr. Costa Motta o projecto que a nossa gravura representa e que a commissão approvou, tratando em seguida o distincto esculptor de lhe dar execução, principiando por modelar a estatua de Sousa Martins, que o publico teve occasião de vêr e admirar no *atelier* do artista, onde esteve exposta.

A obra não ficou inferior aos merecimentos do auctor do monumento a Affonso d'Albuquerque, em que o sr. Costa Motta affirmou os dotes de grande artista, tão talentoso quanto modesto. Como então foi agora felicissimo na estatua de Sousa Martins.

O illustre professor da Escola Medica, é representado de pé, com sua beca vestida, bem panejada, tão natural como a attitude da figura, que parece estar fallando; e fallando é que Sousa Martins se illuminava, despedindo de seus labios aquellas torrentes de eloquencia da grande caudal do seu espirito superior.

Era esta seguramente a attitude que mais convinha a uma estatua do grande artista da palavra, do grande medico e professor.

Costa Motta comprehendeu-o perfeitamente e assim conseguiu perpetuar no bronze, em que a estatua vae ser fundida, a grata recordação de Sousa Martins na sua feição mais gloriosa.

O CATACLYSMO DE MARTINICA

Em o n.º 843 do Occidente apresentámos aos nossos leitores duas estampas da cidade de S. Pedro destruida pela erupção vulcanica da montanha Pelada e ali se descreveu o destruidor cataclysmo.

Não era porém conhecida n'aquelle tempo toda a grandeza da destruição que arrasou completamente a cidade de S. Pedro e se estendeu até á

ilha de S. Vicente que pertence ao mesmo archipelago.

Os primeiros signaes da erupção sentiram-se no dia 3 de maio ultimo, ouvindo-se fortes rugidos subterraneos emquanto espessas nuvens de fumo envolviam a montanha Pelada alongando-se rapidamente pela cidade de S. Pedro. A' noite augmentarão os roucos subterraneos e do vulcão sahiam chammas que esbraziavam o céo n'um circuito consideravel.

No dia seguinte a montanha achava-se envolta em espessas nuvens de cinzas quentes, que se foram estendendo pela cidade. Vinte e quatro horas depois a cratera projectava uma corrente de lava que estendendo-se até ao mar, na distancia de cinco milhas e destruindo na sua passagem plantações, incendiando casas e matando todos os seres vivos que encontrava no seu trajecto, veio subterrar a grande fabrica de assucar Guerin em que trabalhavam 150 operarios. N'este momento o mar recuou quatro kilometros, para logo avançar imptuoso sobre a praia com enorme fragor, continuando esta agitação durante a noite pavorosa.

No dia immediato o cataclysmo estendia-se para o sul e a cratera da ilha de S. Vicente, entrava em grande actividade e fazia explosão com que produzio apreciaveis estragos e occasionou a morte de muitos habitantes da ilha.

Em quanto isto se dava, a ilha de Santa Luzia, situada entre a de Martinica e a de S. Vicente escapava á terrivel catastrophe que victimava as suas visinhas, o que é realmente para admirar dada a sua proximidade.

Mas, por muito que a ilha de S. Vicente soffresse com o cataclysmo, não chegou á enormidade da desgraça da cidade de S. Pedro.

N'esta tudo ficou reduzido a ruinas e muitos edificios desappareceram sem deixar vestigios. O solo moveu-se e alterou-se na maior parte abrindo fundos valles e demolindo montanhas. Os navios ancorados no porto não escaparam ao fogo destruidor e só o vapor inglez *Roddam* conseguiu safar-se, não sem ficar queimada a mastreação e aparelhos e ter o seu convez atulhado de cinzas em que jaziam cadaveres carbonisados, tendo o commandante soffrido tambem fortes queimaduras de que foi tratar-se para o hospital da ilha de Santa Luzia.

De resto, na cidade, sepultados entre ruinas e cinzas accumulavam-se os cadaveres carbonisados e em posições dolorosas, que bem denunciavam a aflição em que tinham morrido.

As gravuras que publicamos a pag. 141 dão ideia da desolação em que ficou a cidade de S. Pedro, onde o maior trabalho que ali se tem feito é o de enterrar os mortos para que se cuide dos vivos em perigo de perecerem victimados pela peste que se desenvolveria de tantos cadaveres em decomposição expostos ao ar livre.

Calcula-se que as victimas ascendem a 40:000 o que, certamente, é dos mais elevados numeros de mortes occasionadas por cataclysmos d'esta natureza.

Os sobreviventes corriam o perigo de morrer de fome, se não accudissem á ilha mantimentos, pois que ali ficaram destruidas todas as plantações e celeiros. Os soccorros, porém, não tem faltado. Alem dos que a França como soberana d'aquella ilha, enviou com a rapidez possivel, outras nações tem accudido com largos subsidios, muito especialmente os Estados-Unidos Norte Americanos, cujo parlamento votou por unanimidade, 2:500$000 francos para soccorrer as victimas sobreviventes de Martinica.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero 845)

1901-1902

Summario

Decreto creando o theatro lyrico nacional — Como as obras de arte ou sciencia se não criam por decreto — Como o Estado que tem um bello theatro incumbiu a construcção de outro, que se não pode prever como será, a uma sociedade, que ainda não existia! — O que póde e deve fazer um governo a favor dos maestros portuguezes — Como o problema é facil tendo o governo o theatro de S. Carlos com um publico certo — Companhia lyrica da epocha 1901-1902 — Como o elencho official nem sempre é o real — Augmento do numero de instrumentistas córos e corpo de baile — Grande affluencia de assignantes — Augmento de preços avulsos — Cerceamento das varandas — Suppressão da assignatura nas varandas — Reportorio — Operas novas — *I maestri cantori di Norimberga*, de Wagner — *Ero e Leandro*, de Luigi Manzinelli — Como afinal se deu mais uma opera de Wagner em S. Carlos — Artistas já conhecidos — Grande exito de Regina Pacini, na opera *Bohème*, de Puccini — Artistas novos — Febea Strakosch — Emma Carelli — O tenor Borgatti — O tenor Clèment — O tenor Anselmi — O buffo Pini Corsi — O carnaval em S. Carlos em 1902 — Como ao charivari dos annos anteriores se juntou a porcaria e a brutalidade — A noite de 13 de fevereiro de 1902 em S Carlos — Pateada colossal e unanime — Imponente manifestação do publico que não deixa haver espectaculo — Concertos em S. Carlos — Pouca concorrencia — O maestro Luigi Mancinelli — Como a principio não correspondeu á fama de que gozava — Pouco cuidado e desinteresse na direcção — Falta de colorido na execução orchestral — Alteração nos andamentos musicaes — Como afinal o afamado maestro despertou e aqueceu — Bella execução de alguns trechos — A sua opera *Ero e Leandro* — Como agradando pouco a opera, foi muito applaudido o maestro — Como era moda nesta epocha dizer mal do theatro de S. Carlos — Expressão contradictoria da *opinião publica* e dos *jornaes, orgãos da opinião publica* — O quinto anno da gerencia theatral de José Pacini — A prorogação do contrato por tres annos — Interpellação na camara dos deputados sobre este assumpto — O deputado Rodrigues Nogueira pede a publicação do novo contrato — E' recusada a urgencia pela camara dos deputados — O que são as maiorias governamentaes no parlamento — Como até hoje ainda se não publicou o novo contrato de prorogação da empreza por mais tres annos — Beneficios no theatro de S. Carlos — Concertos no Conservatorio e outros — Opera lyrica no Colyseu dos Recreios — Comparação dos preços pelos quaes o publico ouviu os mesmos cantores e as mesmas operas, nos theatros de S. Carlos e do Colyseu — Como no theatro de S. Carlos, até hoje, ainda se não executaram algumas operas notaveis, oratorias e outras composições antigas, dos celebres maestros Mozart, Haydn, Haendel, Bach, etc — Obras de que necessita o theatro — Mau estado da cobertura do edificio — Insufficiencia do palco — A ribalta fóra do seu logar — Atraz da mechanica theatral em S. Carlos — Mau serviço dos despejos — Pessimo cheiro em certas localidades do theatro — Falta de hygiene — Frio e pouco conforto — Falta de logares para o publico menos abastado.

Por decreto de 24 de outubro de 1901, sendo ministro do reino Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro, foi creado o theatro lyrico portuguez. Isto de crear, por um decreto, a opera nacional, faz-nos lembrar o general Junot, duque d'Abrantes, que em 1807, quando Portugal se achava opprimido pela primeira invasão franceza, promettia aos portuguezes, se se conservassem amigos fieis do grande Napoleão, um Camões para cada provincia! Um decreto referendado pelo chefe do partido regenerador, não tem mais força para dar a um povo o genio musical, do que o despotismo napoleonico para despertar o estro poetico. O que um governo pode, e deve, é auxiliar, e proteger os maestros portuguezes, facilitando-lhes, ou dando-lhes os meios, de levarem á scena as suas composições lyricas. Vejamos como o tal decreto providenciava a esse respeito; eis na integra este diploma.

Attendendo ao que me representou o ministro e secretario d'estado nos negocios do reino, hei por bem decretar o seguinte:

THEATRO LYRICO PORTUGUEZ

Artigo 1.º O governo concederá á sociedade que, no praso de um anno, a contar da publicação deste decreto, se organisar para a edificação d'um theatro lyrico portuguez, terreno seu ou que obtenha da camara municipal de Lisboa, fornecer-lhe-ha as madeiras e outros materiaes que pertençam ao Estado, e isentará de direitos o material que fôr indispensavel importar.

§ unico. O inspector destas obras será o director geral de instrucção publica.

Art. 2.º A sociedade edificadora será obrigada a ceder o theatro ao grupo de artistas, que se constituir em sociedade sob condições opportunamente decretadas, afim de explorar principalmente a musica portugueza (opera e opera comica).

Art. 3.º A sociedade artistica será obrigada a ceder á sociedade edificadora um terço dos lucros, para amortisação do capital empregado na edificação do theatro e para outras despezas mencionadas no § 2.º d'este artigo, e a pagar-lhe renda annual equivalente a 5 por cento do capital não amortisado. Pago que seja todo o capital o edificio ficará pertencente ao estado, e a sociedade artistica deixará de pagar renda e gosará por inteiro os seus lucros.

§ 1.º O capital empregado na edificação do theatro não poderá exceder 40:000$000 réis.

§ 2.º A sociedade edificadora distribuirá do seguinte modo o terço dos lucros da sociedade artistica:

10 por cento para reparações e conservação do edificio;

10 por cento para despezas do expediente;

80 por cento para amortisação do capital.

Art. 4.º Quando não se tenha realisado sociedade artistica nas condições do artigo 2.º, tres mezes depois de concluido o theatro, a sociedade edificadora poderá alugal-o por tres annos a qualquer empreza particular. Passados estes tres annos, se ainda não houver sociedade artistica constituida, pagará em amortisações annuaes ao Estado a quantia em que previamente tenham sido avaliados os materiaes por este fornecidos e os direitos do material que importou, e ao governo ou á camara municipal a quantia em que tenha sido previamente avaliado o terreno, e ficará de posse do edificio.

Art. 5.º Todas as questões suscitadas entre o governo e a sociedade edificadora, ou entre esta e a sociedade artistica, serão resolvidas por arbitros nomeados um por cada parte e o terceiro pelo juiz da 1.ª vara do tribunal do commercio.

Art. 6.º A sociedade edificadora está isenta do pagamento de contribuições directas durante o periodo de dez annos, prorogavel a seu requerimento. A prorogação não poderá, porém exceder outro periodo egual a este.

Art. 7.º O governo não dará á sociedade edificadora outras subvenções, que não sejam as exaradas no artigo 1.º, nem se responsabilisará por pagamento algum.

O conselheiro d'estado, presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'estado dos negocios do reino, assim o tenha entendido e faça executar. — Paço em 24 de outubro de 1901. — REI. — *Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro*.»

Na mesma data foi reformado o Conservatorio real de Lisboa, do qual é director Eduardo Schwalbach Lucci, e instituido um conselho de arte dramatica e um conselho de arte musical; deste ultimo foram nomeados membros: Alexandre Rey Collaço, Antonio Arroyo, Augusto Machado, Ernesto Vieira, D. Fernando de Sousa Coutinho, Filippe Duarte, Francisco de Freitas Gazul, José da Costa Carneiro e Julio Neuparth; recusaram a nomeação Alfredo Keil e Oscar da Silva.

Fica-se pasmado logo com o contheudo do art. 1.º! Pois o estado que possue um magnifico theatro, como é o de S. Carlos, cujas condições acusticas são tão boas, e de tal ordem, que teem resistido a todos os vandalismos praticados por governos e emprezarios, n'estes ultimos trinta annos, e vae encarregar da construcção de um novo theatro, construcção cujo exito, debaixo do ponto de vista acustico e esthetico, é sempre difficil e problematico, uma sociedade que ainda não existe, nem se sabe se existirá, ou realisará seu proposito!

Confia o dito decreto no art. 2.º a exploração do theatro lyrico nacional a uma sociedade de artistas, que ainda não existe, nem se sabe se existirá, e segundo condições que tambem o dereto não define! Faz diversas concessões á sociedade edificadora, de um modo confuso, e termina dizendo que, depois de pagas as despezas de construcção o theatro ficará pertencendo ao estado! Seria mais simples, mais pratico e mais economico, que o governo cedesse, para a opera nacional, o theatro de S Carlos, que é propriedade do estado, obrigando as emprezas, que exploram este theatro, a pôr em scena, em cada epocha, uma opera nova de compositor portuguez (havendo-a). O theatro de S. Carlos, sendo muito frequentado, por diversas circumstancias entre as quaes domina a moda, estando quasi todo assignado sempre, para recitas ordinarias e extraordinarias, haveria assim a certeza de que as composições portuguezas teriam sempre muitos ouvintes; e para o emprezario não era grande onus, pois a opera portugueza o dispensava de pôr em scena uma opera estrangeira, e não podia receiar que as composições nacionaes lhe dessem fraca receita, pois que as enchentes são certas, estando quasi tudo assignado, por mais mesquinhos ou ridiculos que sejam os espectaculos, e insufficiente ou pessimo o seu desempenho, como a experiencia o tem mostrado.

A cedencia de materiaes e a isenção de direitos e impostos, garantidos pelo decreto á sociedade edificadora, podem tornar-se uma bella mina de abusos.

Eis a relação dos artistas que figuraram na scena do theatro de S. Carlos, na epocha de 1901-1902; faz alguma differença do elencho official publicado pela empreza; os nomes dos cantores vão por ordem chronologica das estreias:

Damas: Emma Carelli, Amalia Belloni, Febéa Strakosch, Cloé Marchesini (meio soprano), Maria Corti, Adalgisa Minotti, Marcella Giussani (comprimaria), Maria Grassé (meio soprano), Clorinda Pini Corsi (contralto), Regina Pacini, Gemma Bellincioni, Adelina Stehle.

Tenores: Giuseppe Anselmi, Primo Maini, Giuseppe Borgatti, Giovanni Zenatello, Empio Cellini (comprimario), Umberto Macknez, Edmond Clément, Alessandro Bonci, Edoardo Garbin.

Barytonos: Delfino Menotti, Antonio Pini Corsi, Rebonato, Ferruccio Corradetti, Alfredo Costa, Giuseppe Kaschmann.

Baixos: Ettore Ciccolini, Augusto Pasti (buffo), Pietro Francalancia (comprimario), Oreste Luppi, Adolfo Sternayoli.

Maestros: Luigi Mancinelli, Ettore Perosio, Marco Foá, Beneamino Lombardi (dos coros).

ESTATUA DE SOUSA MARTINS
ESCULPTURA DO SR. COSTA MOTTA
(Copia de uma photographia dos srs. Vidal & Fonseca)

Maestro de Baile, Angelo Estella; director de scena Eugenio Salarich, scenographo Rovescalli.
Guarda roupa Chiappa, aderecista Rancati; ponto Felice Vecchi; machinista Attilio Vago; electricista Pinto Bastos Junior.
72 musicos na orchestra, 72 coristas, 24 musicos na banda, 24 bailarinas. Os contrabaixos que na epocha anterior pareciam espantalhos adossados ao muro do palco scenico, com a frente para o publico, foram atinadamente removidos para a extrema esquerda do maestro.
Foi augmentado de 4 recitas o numero das de assignatura extraordinaria, e augmentados os preços avulsos das recitas, e o preço da assignatura extraordinaria isolada. Foram suprimidas as assignaturas nas varandas, e foram suprimidos alguns logares das varandas, sendo formadas mais duas torrinhas com esses logares supprimidos, que receberam os n.os 105 A, 105 B. Continuou a supressão das galerias. Foi a continuação e augmento systematico da expulsão progressiva do publico menos abastado; como no anno anterior, as auctoridades consentiram, e a imprensa não se manifestou contra taes medidas impopulares. Houve tambem assignaturas para seis concertos, em que foram pouco concorridos.
Eis as operas que subiram á scena de S. Carlos, na epocha de 1901-1902
Tosca, de Puccini, em 18 de dezembro de 1901, por Emma Carelli, (e depois Bellincioni), Amalia Belloni, Giuseppe Anselmi (e depois Garbin), Primo Maini, Delfino Menotti, Antonio Pini Corsi, (e depois Pasti), Ettore Ciccolini, Pietro Francalancia.
Lohengrin, de Wagner, em 20 de dezembro, 1.ª recita de assignatura extraordinaria, por Febea Strakosch, Cloé Marchesini, Giuseppe Borgatti, Rebonato, Luppi, Pini Corsi.
La Bohème, de Puccini, em 21 de desembro, 2.ª recita de assignatura extraordinaria, por Maria Corti (e depois Regina Pacini), Adalgisa Minotti, Giovanni Zenatello (e depois Garbin), Rebonato (e depois Alfredo Costa), Pini Corsi, (e depois Corradetti, e depois Menotti), Ciccolini, Cellini, Francalancia, Pasti (e depois Pini Corsi).
Mefistofele, de Boito, em 26 de dezembro, 3.ª recita de assignatura extraordinaria, por Carelli, Marchesini, Borgatti, Adolfo Sternayuoli (e depois Luppi), Umberto Macknez.
Fedora, de Giordano, em 31 de dezembro, 4.ª recita de assignatura extraordinaria, por Strakosch (e depois Carelli, e depois Bellincioni, e depois Stehle!), Minotti. Belloni, Giussani, Anselmi (e depois Garbin), Menotti (e depois Costa), Luppi, Ciccolini, Cellini, Pini Corsi (e depois Corradetti), Pasti, Frá, Lorenzana, Ganelli.

(Continúa)

F. da Fonseca Benevides.

GUERRA E PAZ

«Ce qui est vieux comme le monde, c'est la force: ce qui se dégage lentement, c'est le droit: mais son règne aussi viendra.»

V. DURUY — *Histoire Grecque.*

Um flagelo tremendo tem acompanhado a humanidade desde a hora de seu apparecimento na face do globo, a guerra «aquella calamidade, como disse magistralmente o nosso immortal Vieira, composta de todas as calamidades, em que não ha mal algum que, ou se não padeça ou se não tema; nem bem que seja proprio e seguro!»
A palavra eloquente do jesuita venerando está evidenciada infelizmente no grande registo da vida dos povos, a Historia, sudario immenso de miserias e de catastrophes sangrentas em que ás vezes transparecem clarões vividos de bonança e de bem-estar, semelhando estrellas scintillantes rompendo trevas densas.
Será isto effeito piedoso de graça divina?
O orgulho porém de que somos possuidos levando a desobediencia os progenitores de nossa especie e convertendo Cain em assassino de seu proprio irmão Abel foi a origem principal e é causa unica de innumeras miserias que nos conturbam e dos desmandos maiores e mais graves.
As luctas humanas travadas em todos os tempos constituem quadros desoladores em presença dos quaes ficamos aterrados e compungidos.
Toda a historia da antiguidade oriental se acha repleta de narrativas de guerras de exterminio completo de vencidos e abunda em factos summamente horripilantes a que parece haver recorrido Tamerlão para tirar copia no fim da Idade-Media, quando após uma victoria famosa por elle alcançada mandou levantar uma pyramide singular de noventa mil craneos humanos!
Nabuchodonosor, Cyro, Xerxes, Alexandre, Cesar representaram milhões de vidas ceifadas á arma branca em batalhas de povos contra povos, cujo theatro cheio de mal-feridos e de cadaveres foi banquete lauto para féras e aves de prêsa saciarem a voracidade.
As guerras medicas, corôa triumphal dos hellenos e gloria insigne de que derivou a supremacia da Grecia fulgurantissima; as guerras punicas, prelio gigantesco em que ficaram esmagados os carthaginezes de ruim fama e foram vencedores os romanos; a tomada e destruição da capital da celebre republica de Africa; o sitio e entrada em Jerusalem pelos soldados de Tito, tudo isto dá testemunho triste de indole feroz, é documento significativo de embriaguez de paixões, demonstra peremptoriamente o esquecimento de Deus!
Os progressos das sciencias vieram mais tarde substituir o equipamento antigo e cada soldado poude matar com a espingarda maior numero de adversarios em menos tempo.
A tactica moderna desbancando o systêma de pelejar nos periodos anteriores e fazendo nascer o militarismo profissional, em que surgiram capacidades estrategicas de primeira ordem, deu occasião a que taes entidades educadas e desenvol-

PROJECTO DO MONUMENTO A SOUSA MARTINS
DO ESCULPTOR SR. COSTA MOTTA

O CATACLYSMO DE MARTINICA

AS RUINAS DE UM BAIRRO DA CIDADE DE S. PEDRO

ENCOMMENDAÇÃO DOS CADAVERES ENCONTRADOS NAS RUINAS DA CIDADE DE S. PEDRO

vidas no fragôr dos combates impuzessem sua vontade ás nações, tornando as guerras interminaveis.

«Segundo os calculos mais dignos de fé, escreveu Molinari, a perda total em homens para a Europa durante as guerras da Revolução e do Imperio ascendeu a 2 100:000 individuos.»

Beaulieu apresenta o seguinte quadro de perdas de vidas em differentes guerras durante 14 annos do seculo XIX:

«Na guerra da Criméa, 784:991; na Italia, 45:000; em Schleswig-Holstein, 3:500; na America do Norte, 281:000; na America do Sul, 519:000; guerra de 1866, 45:000; nas expedições longiquas e guerras diversas: Mexico, Cochinchina, Marrocos, S. Domingos e Paraguay, 65:000.»

Depois de citar esta mostra dolorosa que acabo de transcrever exclamava o fallecido e sempre lembrado escriptor D. Antonio da Costa: «Assim as guerras, só em quatorze annos do seculo XIX, devoraram perto de *um milhão e oitocentos mil* homens ás familias, á humanidade, á riqueza das nações e á civilisação do genero humano!»

Na revista interessante que Letourneau passa em seu livro *La Sociologie* aos costumes guerreiros, á qual servem de base obras de merito de observadores notaveis, mencionam-se actos de cannibalismo e scenas repugnantissimas que se julgariam inacreditaveis se não houvessem confirmação de realidade. «A 2 d'outubro de 1749, escreve elle, o governador de Halifax, Cornwallis, offerecia dez guineos por cada indio Micmac, morto, *scalpé* ou prisioneiro.»

Note-se: não se trata aqui de luctas de selvagens entre si, mas de luctas de homens que se diziam civilisados na terra que havia de ser patria de Lyncoln contra indigenas muito inferiores nos meios de ataque.

Quadros tremendos de sangue e de pilhagem, scenarios lancinantes de incendio e de devastação, hecatombes de homens e de coisas só comparaveis no estrago vertiginoso a cataclysmos subitos da natureza convulsa mudando logares que eram festivos e aprazíveis em destroços descompassados e informes; tal espectaculo offerecem as gerações em seu caminhar de seculos, espectaculo que apesar da visita que fez á terra o sublime Evangelisador das gentes e do sacrificio dolorosissimo do Calvario, não obstante os progressos luminosos do espirito já christianisado ainda hoje tem emulos em Cuba, na America, em Creta, no Transvaal, na China, em toda a parte em que lavram desejos legitimos de emancipação e predominam alheias vontades com apoio brutal de força.

E' digna de meditação profunda esta pagina do livro *O Anno Politico* cujo auctor insuspeito e esclarecido, o sr. Fernandes Costa, diz assim: «Só na Europa, o pagamento das tropas em effectividade e o que ellas deixam de produzir pela sua inacção eleva-se a mais de cinco mil contos por dia! Uns dois milhões de contos (cifra incalculavel) por anno! E tudo isto para conservar ameaçadores, porém inactivos, ociosos, milhões de braços, arrancados ás profissões laboriosas e pacificas, á agricultura, ao commercio, á industria!

E note-se que nos não esquece, embora o não mettamos em linha de conta, o capital immobilisado e improductivo do material de guerra. Esse está avaliado pelas estatisticas em sommas que se podem exprimir, mas de que se não pode fazer idéa alguma. Ninguem calcula o que são seis milhões de milhões de contos em moeda nossa! Pois é tal somma aquella em que está computado o valor do material de guerra, nas nações da Europa sómente!

E nem um passo se vê dar na intenção de que semelhantes coisas mudem! Bem pelo contrario. E' na guerra que principalmente se pensa, é para a guerra que as nações incessantemente se preparam, é a guerra que a todas intimida e que a nenhuma traz segura.»

Decorridos 20 seculos posteriormente ao inicio da humanidade na religião por excellencia, unica verdadeira que encerra os principios puros e ineffaveis de liberdade, egualdade e fraternidade em sua comprehensão genuina e nobilissima, unica que contém os elementos necessarios e indispensaveis para a pacificação universal, decorridos tantos cyclos em tão largo espaço de tempo achamo-nos ainda em presença e a braços com a guerra; quer dizer: do mesmo modo que todo o esforço e intensidade das civilisações precedendo Christo attingiram seu maximo grau de perfeição na unidade do mundo classico personificada em Augusto pelo desfecho para elle glorioso da batalha d'Accio, assim tambem nós pômos confiança, baseamos orgulho, julgamos grandeza no espavento da força armada e em suppostas vantagens absorventes dos exercitos.

«Se bem olho em mim, escreveu o nunca bastante citado auctor do monumental volume — *Da Imitação de Christo* — nenhuma creatura me fez nunca injuria; por onde não tenho de que justamente queixar-me contra vós.»

E' com a religião que inspirou taes palavras e com a pratica do exemplo de amor dedicado que nos legou o seu fundador que poderemos chegar á realisação plena do anhelo que transpira em phrases como estas do sr. Magalhães Lima: «Transformemos, pois, os exercitos guerreiros e destruidores em exercitos pacificos e productores. Esta transformacão não só é realisavel, se não tambem se conforma com as aspirações dos povos e as necessidades moraes e materiaes da nossa epoca.»

A politica singular e exclusivista, os processos injustificaveis de vaidade, a ambição desordenada não são escola de bons modelos nem aliviam os povos de miserias estremas; servem apenas de incitamento a tendencias agressivas e de salvaguarda a hypocrisia vil e a vingança censuravel.

Traduz-se na evolução historica da humanidade um proposito intimo de culminar na vida o suprêmo zenith de felicidade e parece que um tardio arrependimento estimulou a reconquistar o Eden primitivo os filhos degenerados dos primeiros paes.

Deslumbramo-nos á vista de expansões do contentamento alheio, chegando a invejar as prosperidades que nos são extranhas e cada uma das grandes maravilhas do Cosmos, fazendo-nos sentir e reconhecer nossa fraqueza organica e o pouco alcance de nossas faculdades inflamma e accende mais nosso espirito no proseguimento de seus designios risonhos.

Este phenomeno psychologico explica sufficientemente a energia laboriosa das gerações no curso dos tempos e consagra por seculos a conversão objectiva de todas as bellezas sonhadas.

Um sorriso mystico anima por vezes no leito em que dormem o pensador genial e o religioso contemplativo.

E' que n'esses momentos de serenidade involunteria ambos se julgam na posse incontestavel d'um estado correspondente a seu ideal formoso. Archimedes quando emfim viu claro na physica de corpos mergulhados não poude permanecer mais tempo dentro da tina em que tomava banho e sahiu correndo e gritando pelas ruas da cidade: «eureka» — achei!

Não fôra movido por delirio de sentidos nem tivera visagens de imaginação alienada, impellira-o o goso animico d'uma descoberta scientifica e a sciencia era seu ideal venerado.

Ideal! — palavra profunda e vibrante; enlevo de philosophos, inspiração perenne e subtilissima de poetas é portentosa e sublime a tua acção magnetica nas creações do genio e é vivificante como a luz do sol a tua luz imponderavel, nunca extincta e sempre latente!

As paginas de registo immortal dos feitos humanos tecem corôas immarcessiveis aos verdadeiros heroes da civilisação dos povos que são exclusivamente os que sabem passar a campo de realidades o ideal da fortuna gloriosa, arrancando segredos á natureza e abrindo ao progresso horisontes largos. Um dos mais ingentes florões do Ideal, a sua irradiação mais pura consiste en levar as sociedades á paschoa da paz e á solidariedade de affectos mutuos. Cooperar para a pacificação universal é a tarefa mais honrosa que alguem possa emprehender e um testemunho irrecusavel de perfeito equilibrio intellectual,

Seja este o ideal de todos nós e a ventura abençoada de nossos filhos.

«Gloria a Deus nos céus, e na terra aos homens de boa vontade!» Este hymno de amor puro foi ouvido a vez primeira ha quasi 2:000 annos por pastores que apascentavam rebanhos perto do logar eleito para berço d'Aquelle que quizera tomar figura de humana estirpe nas entranhas virginaes de Maria, e quando retumbou no espaço o echo do cantico angelical que annunciava á terra a presença de seu Redemptor tambem no mundo pagão tinham sido fechadas as portas do templo de Numa, signal de concordia nos dominios de Augusto.

Assim a hora solemnissima do Messias já prophetisada pelos videntes de Israel tangia n'um tempo de tranquillidade geral em que sob o sceptro indispututavel d'um imperador se tornara facto consumado a unificação das gentes que os assassinos do grande Julio não tinham logrado estorvar.

(Continúa). *D. Francisco de Noronha.*

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE II

1891

Janeiro. Bom tempo de 1 a 4, com temperatura regular, e chuvas copiozas em 5 e 6 (n'este ultimo dia, 30^{mm},4) Novamente, bom tempo em 6 e 7, com alta repentina na pressão e baixa thermometrica. Em 6, o barometro accusava 750^{mm},8, attingindo 761^{mm},1, em 7, e 770^{mm},2 em 8. Os minimos thermometricos foram muito baixos, como se reconhece, no quadro que publicámos (Vide *Tabella indicando os dias em que o thermometro desceu abaixo de 5°)* As maximas foram egualmente fracas. Em 10 max., 9°,0, em 11 7°,2, em 12 9°,8, em 13 10°,3, em 14 10°,7 em 15 10°,3 em 16 8°,2 em 18 7°,4 em 19 5°,3 e em 20 7°,8. Alta de temperatura e chuvas a partir de 22. A minima de 1° abaixo de zero foi a menor, observada no periodo 1880-1901.

Fevereiro. Muita secca e frio toda a primeira quinzena. Egualmente secca, mas quente, a segunda. Maximas superiores a 20°: em 22, 21°,3 em 23, 20°,0 em 24, 20°,8.

Março. Chuvas consideraveis e temperatura moderada. Os dias de maior chuva foram em 8 12^{mm},0 em 11 13^{mm},1 e em 28 31^{mm},1.

Abril. Muito secco todo o mez de abril (18^{mm},4 de chuva em dez dias). Apesar d'este facto, a temperatura não foi muito elevada.

Maio. Algumas trovoadas se fizeram sentir, em 14, e 22. A partir de 20, cahiram grandes chuvadas. (Em 21, 23^{mm},1 em 22 22^{mm},0 em 29 20^{mm},1). Maxima pouco elevada, em relação á época (max: 26°,0), e minima normal (10°,2).

Junho. Chuvoso até 10, accusando o pluviometro uma altura, em todo o mez, de 43^{mm},4. Calor notavel a partir d'este dia, até 21. Normal, a ultima decada.

Julho. Observaram-se, n'este mez, dias de calor suffocante. Não se registaram chuvas.

Agosto. Persistiu o calor do mez antecedente, com egual intensidade. Tres dias de chuva (4^{mm},5).

Setembro Temperatura muito regular em todo o mez, com uma maxima de 29°,7 e, minima de 12°,8. Sómente se registaram chuvas e trovoadas de 10 a 12.

Outubro. Normal e pouco quente, conservando-se este regimen até 19, dia em que começaram as chuvas, sendo abundantes em 23 37^{mm},2 e 30 34^{mm},0, com trovoada. A minima thermometrica foi de 10°,1 em 26, superior á normal.

Novembro. Chuvas frequentes em todo o mez, com temperatura supportavel, trovoadas em 3, 14 e 15. As chuvas mais copiosas foram: em 3 33^{mm},1, 10 17^{mm},4, 11 24^{mm},8, 12, 12^{mm},6 e 28, 20^{mm},8.

Dezembro. Muitos dias chuvosos, embora as chuvas não se tivessem tornado intensas, visto que em 21 dias de chuva, cahiram sómente 48^{mm},3. A pressão conservou-se sempre alta, com um minimo de 760^{mm},7. Temperatura um pouco acima do normal até 9, e moderada, o resto do mez. Algum frio em 19, com um maximo de 7°,0, e em 22, com um maximo de 8°,7.

1892

Janeiro. De chuvas torrenciaes e temperatura baixa. Em 10, cahiram 13^{mm},9, em 15 24^{mm},7, em 16 14^{mm},6, em 19 15^{mm},0 e em 20 10^{mm},7. Algum frio em 1 (max.: 6,8), 6 (max.: 8°,5) 7 e 16. Bastante calor a partir de 22 (max.: em 28, 18°,0).

Fevereiro. Bom tempo toda a primeira quinzena e quente (max.: 18°,7 em 7), muita chuva e pressões inferiores á normal, o resto do mez, sendo em 19, a minima de 734^{mm},4. A's nove horas da manhã, o barometro accusava 738^{mm},2. Eis as maiores quedas d'agua: Em 17, 21^{mm},8, em 18 22^{mm},0, em 20 19^{mm},0, em 22 14^{mm},7 em 23 10^{mm},3 em 26 24^{mm},4 e em 28 14^{mm},5.

Março. O regimen do mau tempo persistiu em quasi todo o mez, excepto de 14 a 17, com temperaturas elevadas (max.: 22°,0 em 21). Os dias de chuva notavel foram em 2 26^{mm},6 4 29^{mm},2 6 13^{mm},1 7 22^{mm},6 12 18^{mm},5 e em 27 11^{mm},7. De importante a considerar a minima pressão do dia 7, em que o barometro desceu ate 732^{mm},5, pressão inferior á minima observada em fevereiro, e pouco vulgar em Lisboa. Foi um dos mezes de março mais inconstantes.

Abril. Chuva cupiosa de 1 a 17, sendo as mais insistentes em 8 (14^{mm},2) e 9 (44^{mm},2) Calor notavel de 20 a 25 de abril (maxima 25°, em 23) e temperatura normal de 26 a 30.

Maio. Algumas chuvas foram registadas durante a primeira decada de maio, accompanhadas de temperaturas relativamente baixas. Alta thermemetrica importante a partir de 11, com maximas

respectivamente eguaes a 27°.3–26°,9–25°,5–27°.5–28°,8–30°,3–30°,4–27°,9, de 14 a 21. Em virtude do excesso de calor, sentiram-se algumas trovoadas em 22, as quaes persistiram até 25, fazendo baixar a columna thermometrica até ao normal.

Junho. Nos primeiros dias, observaram-se bruscas variações de temperatura Em 5, a maxima, que não excedeu 26°,8, attingiu 34°,3 em 6, para baixar, em 1, a 23°,3 conservando se quasi sempre a este nivel até 11, com bom tempo. A partir de 12, chuvas notaveis com trovoadas persistiram até 19. Nos ultimos dias do mez, o calor tornou-se intenso com um tempo precioso.

Julho. Continuação da calmaria, iniciada nos finaes de junho, com um maximo de 34°,2 em 1, e de 30°,4 em 2. Baixa de temperatura em 3. (Max. 24°,8), conservando-se, em quasi todo o resto do mez, a um nivel proximo d'este. Um unico dia de chuva com 0^{mm}, 3.

Agosto. Debutou muito quente, até 5, continuou moderado de 5 a 10, e novamente o calor veiu atormentar os lisboetas com grande intensidade, a partir de 11, a até 22, data a partir da qual, a temperatura se tornou mais supportavel. Um só dia de chuva, em 29, com 3^{mm},9.

Setembro. Varias trovoadas se fizeram sentir, de 16 a 26, com chuvas regulares. Calor sensivel até 11, com um maximo de 31°,6 em 10, e 31°,7 em 11.

Outubro. Regularmente chuvoso e de temperaturas inferiores á normal. Os dias em que mais se fez sentir a chuva foram: em 4, 16^{mm},2, em 19, 18^{mm},8 e em 27, 39^{mm},5.

Novembro. Aguaceiros fortes até 7, com temperatura moderada (em 2, 14^{mm},8 e em 6, 14^{mm},1) bom tempo de 8 a 15, mas um pouco quente, alguns choveiros de 16 a 24, e novamente bom tempo o restante do mez.

Dezembro. Bom tempo até 21, com algum frio mas com chuvas importantes no resto do mez (Em 22, 25^{mm},1, em 24, 15^{mm},7 e em 30, 28^{mm},7). Um dia de frio intenso em 30 (max. 6°,0).

(*Continúa*).

Antonio A. O. Machado.

METEOROLOGIA

Junho de 1902

Observações diarias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céu	Vento	Chuva
	mm	° °			mm
21	765,1	24,0–16,5	Nublado	SW	8,8
22	765,4	25,1–16,1	Alg. Nuvens	N	0,0
23	764,7	28,2–16,1	»	NE	0,0
24	762,9	31,2–15,7	Limpo	ENE	0,0
25	760,7	21,3–15,9	Nublado	N	0,0
26	761,4	21,5–15,9	»	NW	0,0
27	761,2	20,7–15,1	P. Nublado	»	0,0
28	762,3	20,0–14,5	Nublado	SW	3,0
29	761,3	25,4–15,7	»	S	6,7
30	762,2	20,9–16,0	»	SSW	0,0

CHRONICA METEOROLOGICA

Calor sensivel de 21 a 24, com vento d'entre NE e SE. As maximas, no velúo, foram muito elevadas. Em 23, o thermometro accusou 39° em Campo Maior, 35° em Beja, 34° em Evora, 31° em Gerez e 30° na Guarda. Em 24, as maximas foram de: 38° em Campo Maior, 33° em Evora, 31°,9 em em Corunha, 31° em Lisboa, e 30 em Moncorvo. Grande abaixamento de temperatura, precedida de nevoeiros cerrados, durante a noite de 24 e acompanhada de chuvas fortes, a partir de 27 e até 30 com vento do quadrante SW.

Em todo o mez de junho, registaram-se em Lisboa, $49,^{m}2$ de chuva, o mez mais chuvoso desde 1880. Foi egualmente, este mez o mais irregular, com relação á temperatura, desde o mesmo anno.

O PASTOR DE CARPAS

Imitado do japonez

Perto do rio sagrado, cujas aguas banham a falda do Fousi-Yama (monte côr de rosa), um pastor de carpas tocava flauta, na claridade vaporosa da madrugada.

No Japão, são creadas com cautella as carpas nos rios sagrados. Formam cardumes que o pastor guia ao som da flauta, como os pegureiros vasconços conduzem no seu paiz os rebanhos de cabras.

A' noite, os peixes, a um signal, entram em reservatorios feitos com laminas de porcelana, e ahi se abrigam das aves pescadoras, e dos animaes de rapina.

O pastor Toiki habitava não longe da margem, n'uma casa de bambús, illuminada por janellas, em cujos caixilhos se faziam descer corrediças de papel de arroz, durante as horas de sol. Sobre o tecto coberto de terra, floresciam os lyrios azues.

Por traz da casa, estendia-se uma floresta de bambús seculares. Diante da porta abundavam as moutas de camelias e de azaleas.

O pae de Toiki era um soldado velho, que tinha assistido ao Hara Kiri do ultimo Shogoun.

Fiel ao costume dos antigos guerreiros japonezes, mandara desenhar no corpo os principaes episodios das suas campanhas. No peito podia ver-se-lhe, por exemplo, o grande combate dado por Taiko-Sama, e entre as espaduas o morticinio dos Samourais.

O velho passava os dias inteiros sentado á porta de casa, sobre um tamborete de xarão, e fumando n'um pequeno cachimbo de reservatorio de bronze.

Toiki caminhava ao longo da margem, modulando arias com que fascinava o rebanho.

Tocava e os peixes dourados juntavam-se aos sons da flauta. Assim os conduzia pelos meandros do rio, por entre os salgueiros e as saxifragias, de onde soltam o vôo as cegonhas.

As carpas faziam ondular as escamas e subiam de vez em quando ao lume de agua, para apanhar moscas azues.

E o pastor caminhava ao longo do rio á hora do pôr do sol. Quando o cume do Fousi-Yama tomava as cores ardentes do cobre e que se ouvia ao longe o gungo, Toiki voltava para traz; e o seu rebanho docil descia o rio até ao reservatorio de porcelana, onde entrava novamente ao som de uma aria lenta e cadenciada, tocada na flauta.

*
* *

Para a margem do rio sagrado ia ás vezes brincar a pequenina princeza Idzouna, filha do governador.

Chegava dentro de um palanquim de xarão, que dois servos conduziam. Idzouna acabava de attingir a undecima lua. Tinha a côr do lutos. Os cabellos seguravam-se-lhe com grandes alfinetes de tartaruga recortada. Os seus labios eram tintos a ouro e carmim, e brunidas com o succo das flores as suas palpebras. A princeza trajava um comprido vestido de seda, cruzado sobre o peito e bordado de passaros chimericos. Em torno da cintura punha um cinto largo, de cores vivas e formando da parte de traz um laço, que simulava duas azas de borboleta.

Sentava-se na margem, tirava as sandalias de marfim e deixava os pésinhos descalços rasgarem a superficie da agua.

Gostava de ouvir Toiki tocar flauta.

— O' pastorzinho, dizia ella, meu pae mandou vir para mim da India dois bengalinhos que cantam divinas canções, mas eu prefiro os sons que os teus labios arrancam do bambú.

E o pastor tocava perto de Idzouna, para que os peixes se reunissem em volta d'ella.

A's vezes a princeza acompanhava-o no samsim, especie de guitarra de tres cordas de seda, que tocava com um plectro de tartaruga.

Nada havia para Toiki como o rio sagrado. O pastor via ali coisas maravilhosas e mostrava-as a Idzouna.

A agua, de um azul de turqueza, tinha profundidades de transparencia celeste, e animalculos picavam-n'a de pontos luminosos como estrellas. No fundo, a agua azul, correndo n'um leito de areia amarella, projectava claridades verdes; ou então, ao passar por cima de conchas côr de rosa, tomava a côr arroxeada do lyrio.

De vez em quando subia á superficie como que uma onda de perolas, que se desvanecia ao contacto do ar, e as escamas das carpas appareciam n'uma fenda brilhante.

Os olhos da pequenina princeza e os de Toiki mergulhavam nas profundidades vagas do rio, onde adivinhavam existencias mysteriosas.

Os estremecimentos da agua revelavam-lhes seres desconhecidos, cujas apparições fugitivas deixavam vestigios irradiados, como um raio de astro, e semeados de globulos de matiz opalino, que morriam em scintillações côr de ouro...

—Oh! Como eu seria feliz, dizia Idzouna ao pastor, se vivesse n'este mundo, mais azul do que o proprio ceu. Deve haver lá no fundo flores vivas, com perolas nos calices; pequeninas princezas cavalgando peixes alados, e pastorinhos cuja canção não pára um momento.

E Idzouna deslumbrada, fascinada pelas irradiações sideraes que entrevia, debruçava-se cada vez mais na margem do rio, como se fôra attrahida por uma força desconhecida.

Então as mulheres que a acompanhavam, levavam n'a para o palanquim e voltavam com ella para a cidade, emquanto os sons da flauta de Toiki se ouviam cada vez mais fracos e morriam por fim muito ao longe.

Mas a princeza rezava todos os dias a Boudha, pedindo lhe que a levasse para o seio da agua azul com os peixes dourados e o pastor.

Escrevia a oração n'uma folha de papel de arroz, que rasgava, e deitando os fragmentos para cima do seu leque, que se movia rapidamente, fazia-os voar para o Paraizo.

*
* *

Uma noite Idzouna, não podendo conciliar o somno e perseguida pela visão do azul, fugiu do palacio de seu pae, e dirigiu-se para o rio.

Toiki não estava lá, tinha ido á cidade.

Havia socego absoluto em redor da casa de bambús.

Por entre os vimes, dormiam cegonhas sobre um dos pés, e com a cabeça aconchegada na pennugem da aza.

Ao longe, no Fousi-Yama, os tectos levantados do templo de Boudha brilhavam aos raios da lua, que reflectia o seu largo disco no rio.

Idzouna aproximou-se da margem e, no espelho da agua, considerou o astro que lhe haviam ensinado a venerar.

A principio só viu fórmas vagas e fluctuantes, como nuvens, mas depois enxergou distinctamente montanhas, rios e cidades.

Um estremecimento enrugou a superficie da agua e o quadro mudou de aspecto. A pequenina princeza avistou no reflexo da lua um grande pagode de prata, onde havia um Boudha immenso, agachado sobre o throno de bronze incandescente, e aconchegando com os braços ao peito os seus trinta e dois filhos. Fumegava-lhe aos pés o incenso, em vasos de esmeralda. Virgens tocavam gotto de treze cordas.

E n'um degrau do templo lunar, Idzouna cuidou vêr Toiki a tocar, emquanto que sua mãe lhe apresentava a taça de saki, que une para sempre os noivos.

A pequenina princeza debruçou-se para segurar-lhe... e desappareceu no rio.

A lua rasgou-se de negro, agitou-se por momentos, e depois retomou a immobilidade á superficie da agua azulada, cujos mysterios Idzouna conheceu d'aquella hora em diante.

Uma cegonha fugiu, lançando pelo ar um grito lamentoso. Mais nada.

*
* *

No dia seguinte, Toiki admirou-se de não vêr a pequenina princeza. Esperou-a de balde o dia inteiro.

A' tarde, quando a lua appareceu novamente, o pastor ficou perto da margem e poz-se a tocar na flauta um canto doloroso, que dizia a tristeza de Toiki e a ingratidão de Idzouna.

Em quanto tocava, o reflexo da lua perturbou-se e uma fórma vaga levantou-se do rio, como os vapores que sobem dos valles durante as noites outomnaes.

E pouco a pouco a fórma condensou-se. O perfil delicado da pequenina princeza desenhou-se todo branco, sobre o fundo escuro da noite. O rosto de Idzouna estava risonho. N'uma das mãos trazia ella a flor azul do lotus, que só póde ser colhida pelo espirito que se separou do corpo e entrou no nirwana. Com a outra empunhava a taça de saki, onde os noivos devem molhar os labios.

O seu vestido azul confundia-se com a agua azul, e ninguem poderia dizer se eram as pregas sedosas do trajo de Idzouna, se as ondulações do rio, que vinham bater de encontro á margem.

Toiki continuava a tocar, levado por impulso irresistivel, e Idzouna seguia-o, deslizando sobre as ondas. A lua mirava-se nas dobras sem fim do vestido da princeza, e o pastor avistava tambem no rio o pagode de prata.

Quando rompeu a aurora, Toiki parou de tocar e a imagem de Idzouna desappareceu.

A' noite, a pequenina princeza surgiu de novo aos sons da flauta.

Durou isto muitas noites.

O Real Theatro de S. Carlos

Toki viu assim decorrer alguns annos. Em a noite em que a princeza devia attingir os quinze annos — edade do casamento — appareceu ella mais formosa ainda, no meio de um vapor branco, como o veu de uma desposada.

O pastor tocou um hymno nupcial, aljofrado como os vincos irados da agua, e quando o primeiro clarão purpurino appareceu por traz do monte Fousi-Yama e fez empallidecer a lua, Toiki deixou-se cahir ao rio.

As pregas do vestido de Idzouna fecharam-se ao de cima do pastor, que adormeceu para sempre, nas profundidades mysteriosas na agua côr de anil.

*

* *

Desde aquelle dia ninguem mais cuidou nos peixes dourados, mas ao pé do Fousi-Yama (monte côr de rosa), no mesmo ramo de uma azalea florida, dois bengalinhos, de azas azues, entoam a canção do pastor, na claridade vaporosa da madrugada.

Carlos Richard.

NECROLOGIA

DR. JOSÉ IGNACIO DE LOYOLA

A mala da India trouxe-nos a noticia do fallecimento do nosso distincto collega na imprensa, o sr. dr. José Ignacio de Loyola, director politico e redactor principal do jornal *A India Portugueza*, com quasi 40 annos de incessante e desinteressado trabalho de escriptor publico. Começára a sua vida publica como modesto facultativo de um partido medico, carreira em que se tornou um clinico largamente recorrido e consultado. E ás muitas occupações d'esta vida profissional tivéra de juntar, dentro em pouco, os fatigantes labores de jornalista, e, a seguir, a difficil missão de chefe de um dos mais importantes agrupamentos partidarios na politica local da provincia, tornando-se notavel e prestigioso em todos esses tres ramos de actividade, pelo seu talento soberbo e scintillante, pela honestidade do seu caracter, pela sensatez do seu pensar, e pelos seus incontestados desinteresse e honradez. Como medico, como jornalista e como politico, realmente de subido valor, não sómente gozou de uma numerosa influencia na sua terra, mas a pôz sempre desinteressadamente ao serviço da boa causa, prestando muita vez bons serviços ao governo local, além dos muitos que prestou á provincia. Opportunamente daremos o retrato do illustre extincto, acompanhado de alguns traços da sua vida publica que foi realmente notavel, pois foi tambem por vezes um valioso auxiliar na governança d'aquella nossa colonia. E apesar de escriptor profano, e exclusivamente jornalista de combate na politica partidaria, sendo como tal, um polemista vigoroso e invencivel, esteve sempre na vanguarda dos paladinos dos direitos e interesses da egreja lusitana do oriente, dos sãos principios da moral politica e social, e da verdadeira doutrina do christianismo, pelo que era tambem muito considerado pelos governantes da diocese, e pelo actual venerando patriarcha das Indias orientaes, como foi agraciado com uma notavel distincção honorifica pela côrte do Vaticano. Lamentando o decesso do mallogrado homem publico, enviamos os nossos sentimentos de condolencia á sua illustre familia, e á imprensa indiana, especialmente á redacção da *India Portugueza*, e ao seu actual director politico e redactor principal, o sr. Avertano de Loyola, irmão, e companheiro de trabalho de longos annos, do nobre extincto.

FEBEA STRAKOSCH

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Encyclopedia portugueza illustrada — *Diccionario Universal publicado sob a direcção de Maximiano Lemos, lente da escola medico cirurgica do Porto — Fasc.º 169 (4.º do 4.º volume) Lemos & C.ª Successor — Largo de S. Domingos, 63 1.º — Porto.*

Temos recebido com a maior regularidade esta importante publicação, que faz honra aos seus editores e collaboradores. Entre estes ultimos encontram-se os nomes dos vultos mais proeminentes da mentalidade portugueza, em todos os seus variadissimos ramos. O presente fasciculo contem 467 artigos e 14 illustrações e abrange os vocabulos *Dorypltero e Drama*. Tão notavel obra equivale a uma bibliotheca completa, moderna, tão escolhida e selecta, como o garantem a illustração do seu director e sabedoria dos collaboradores.